

GLOBALIZAÇÃO E IMPERIALISMO: A GLOBALIZAÇÃO É UMA NOVA FASE DO CAPITAL EM PROCESSO

MARCOS DEL ROIO*

O século XX iniciou-se sob o signo do debate sobre o tema do imperialismo e está terminando com a discussão sobre a globalização. Qual a relação entre esses dois conceitos e realidades dentro da história da acumulação capitalista e da crítica socialista? Há continuidade ou ruptura? Quais as implicações derivadas para a ação e teoria socialista no problema proposto? Creio serem esses os termos para um debate como o aqui proposto. As primeiras formulações sobre o imperialismo, desde as de liberais como Hobson até as do socialista Kautski, procuram interpretá-lo como um desvio, produzido por forças sociais declinantes, na trajetória de progresso civilizatório do Ocidente liberal. As teses de Rosa Luxemburgo e de Lenin, vinculados à refundação do movimento socialista, em oposição ao reformismo, vão em outra direção. Para eles o imperialismo está implícito no próprio processo de acumulação capitalista. A destruição e a subsunção ao mercado capitalista de formas sociais progressas do Ocidente e de formas sociais externas, entrelaçando processo econômico e violência política, para Rosa, são intrínsecas ao capitalismo. Para ela o processo de apropriação do mundo pelo capital estaria chegando a seus limites, nesse início de século XX, gerando fortes tensões sociais e riscos de degeneração na bárbarie da guerra. Lenin torna explícita a proposição do imperialismo como fase específica do capital em processo, durante a qual emerge o capital financeiro como condutor da acumulação num mercado disputado por grandes monopólios que se aproximam do poder político e fazem do Estado agente de exportação de capitais e defensor de mercados, indicando a guerra como provável. Dessa forma, tanto para Rosa quanto para Lenin havia uma identidade entre imperialismo e a complexa ordem do capital ao qual deveria se opor, de maneira irreduzível, a fim de evitar a barbárie, a revolução socialista.

* Professor de Ciência Política, Unesp, campus de Marília, SP.

A derrota da revolução socialista de 1917-21 deu continuidade ao processo de valorização do capital na forma imperialista. Acontece porém que houve uma imperceptível, mas profunda reformulação da noção de imperialismo que implicou sua dissociação do processo de acumulação capitalista. A política gestada pela I.C. consolidou essa mudança ao supor a possibilidade da existência de burguesias revolucionárias (equívoco presente em Lenin, aliás) que lutariam pela libertação nacional. Na verdade, os movimentos de libertação nacional buscaram uma inserção mais vantajosa na ordem do capital, constituindo Estados nacionais que seguiam o modelo original euro-americano. Nessa nova concepção a contradição estava na nação oprimida, que não poderia desenvolver seu próprio capitalismo, contra o imperialismo e não socialismo x capitalismo da fase imperialista. Como se sabe todas as tentativas de se formar um capitalismo “nacional” fracassaram (como era inevitável), assim como fracassaram as alternativas nacional-populares no seu objetivo anunciado de superar a ordem do capital.

A década de 80 marcou a vitória completa do imperialismo sobre seus oponentes, permitindo que o capitalismo ingressasse numa outra fase. O socialismo estatal, articulado em torno da URSS esfarelou-se, os movimentos de libertação nacional (e o nacionalismo implícito) esgotaram-se, e o movimento operário com suas instituições (sindicato e partido) encontram-se numa crise sem precedentes. A incapacidade de formular uma nova hegemonia socialista centrada no mundo do trabalho, que teria na análise crítica do capital em processo na forma imperialista seu ponto de partida, desembocou na derrota que permitiu ao capital, conduzido pelo setor financeiro, ingressar numa nova fase cuja forma está ainda mal delineada, mas que vem sendo chamada de capitalismo globalizado.

A exemplo da forma imperialista, essa nova fase tem na origem uma revolução técnico-científica, diretamente aplicada a um sistema de máquinas eletrônicas flexíveis e inteligentes, utilizando a automação e informatização, de maneira que a propriedade dos meios de conhecimento se projeta como eixo condutor do processo de acumulação. E, como é o capital financeiro que conduz o processo e dele se beneficia, atinge um novo estágio de predomínio sobre o conjunto do capital. Como a forma imperialista delineou um mundo do trabalho segundo seus desígnios na grande fábrica taylorizada, a forma globalizada da acumulação vem redesenhando o perfil da força de trabalho através de novos processos de qualificação/desqualificação e aperfeiçoando a subsunção do trabalho à lógica do capital. A desterritorialização do capital tende a esvaziar a soberania dos Estados nacionais com sua capacidade de intervenção na economia, essenciais na fase imperialista, em troca da formação de megablocos econômicos definidos em torno das regras do mercado.

Embora essa nova fase do capitalismo globalizado esteja apenas se

DEL ROIO, Marcos. Globalização e imperialismo: a globalização é uma fase do Capitalismo em processo. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.153-155.

Palavras-chave: Globalização; Imperialismo; Capitalismo.